

JOSEPH RATZINGER/BENTO XVI ALERTA, EXPLICA E EXORTA: A DITADURA DO RELATIVISMO NO MUNDO ATUAL

JOSEPH RATZINGER/BENEDICT XVI WARNS, EXPLAINS AND EXHORTS: THE DICTATORSHIP OF RELATIVISM IN TODAY'S WORLD

JOSEPH RATZINGER/BENEDICTO XVI ADVIERTE, EXPLICA Y EXHORTA: LA DICTADURA DEL RELATIVISMO EN EL MUNDO DE HOY

Danilo Cortez Gomes¹
Gilberto Aurélio Bordini²

Resumo

Em um mundo imerso em pensamentos confusos e distorcidos que, por vezes, não se apoiam em bases conceituais e práticas confiáveis e salutares, surge o que Joseph Ratzinger/Bento XVI denomina de ditadura do relativismo. Este é o tema central deste trabalho, originado de uma pesquisa bibliográfica realizada a partir da obra ratzingeriana/benedictina. Destarte, este estudo discute a ditadura do relativismo no pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI, analisando-a no contexto do mundo atual — visto que o assunto ocasionou inúmeras reflexões por parte dele, como cardeal e depois como papa. Isto posto, este artigo visa apresentar tal discussão com base em um alerta, uma explicação e, por fim, em uma exortação do papa alemão.

Palavras-chave: ditadura; relativismo; Bento XVI; verdade; secularização.

Abstract

In a world immersed in confused and distorted thoughts that most of the time are not supported by reliable and healthy conceptual and practical bases, arises what Joseph Ratzinger/Benedict XVI calls the dictatorship of relativism. This is the central theme of this work, originated from bibliographical research carried out from the ratzingerian/benedict work. Thus, this study discusses the dictatorship of relativism in the thought of Joseph Ratzinger/Benedict XVI, analyzing it in the context of today's world — as this topic was the subject of countless reflections by him, as a cardinal and later as a pope. That said, this article proposes to present this discussion based on a warning, an explanation, and, finally, an exhortation from the German pope.

Keywords: dictatorship; relativism; Benedict XVI; truth; secularization.

Resumen

En un mundo inmerso en pensamientos confusos y distorsionados, muchas veces sin bases conceptuales y prácticas confiables y sanas, surge lo que Joseph Ratzinger/Benedicto XVI denomina de dictadura del relativismo. Este es el tema central de este trabajo, que proviene de una investigación bibliográfica en la obra ratzingeriana/benedictina. Así, este estudio analiza la dictadura del relativismo en el pensamiento de Joseph Ratzinger / Benedicto XVI en el contexto del mundo actual — una vez que el asunto fue motivo de reflexión de su parte, primero como cardenal, luego como papa. De esta forma, este artículo se propone presentar esta discusión a partir de una advertencia, una explicación y, finalmente, una exhortación del papa alemán.

Palabras-clave: dictadura; relativismo; Benedicto XVI; verdad; secularización.

1 Introdução

¹ Doutor em Ciências Sociais. Acadêmico do curso de Teologia no Centro Universitário Internacional – UNINTER. E-mail: daniloeadelisan@gmail.com.

² Doutor em Teologia. Professor na Área de Humanidades do Centro Universitário Internacional UNINTER.

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. (Jo 8,32)

Somente a verdade liberta (RATZINGER, 2007, p. 232)

Vivemos em um mundo em que as informações surgem a todo instante e de diversas maneiras. Teorias, métodos, práticas e discussões são influenciadas pelas mais distintas culturas e formas de analisar os contextos socioculturais. Todavia, o mundo parece estar imerso em um emaranhado de pensamentos confusos e distorcidos que, por vezes, não se apoiam em bases conceituais e práticas que sejam confiáveis e salutares para a vida das pessoas; ou melhor, os pensamentos hegemônicos atuais, baseados no relativismo, parecem ser frutos de uma emancipação sadia do homem no que tange aos mitos, à religião, às crenças que causavam atrasos ou algo semelhante. Entretanto, os resultados dessa “libertação”, em relação à verdade, não têm produzido bons resultados, mas uma confusão generalizada que impede uma análise adequada dos problemas enfrentados pela sociedade. Afinal, o que é a verdade? Em que se apoiam aqueles que creem no fim da verdade absoluta e defendem a existência de verdades múltiplas, relativas ou parciais e, não raramente, contraditórias?

Neste contexto desnorteante, surge a voz franca e o pensamento límpido do Cardeal alemão Joseph Ratzinger que, em 2005, tornara-se Papa Bento XVI. Este assunto foi motivo de inúmeras reflexões deste teólogo ou deste defensor e guardião da verdade. A homilia da Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontifice* de 18 de abril de 2005 é um dos marcos em que essa problemática aparece com intrepidez.

Desse modo, este artigo tem como objetivo central discutir a ditadura do relativismo no pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI, analisando-a no contexto do mundo atual. Para fins didáticos e de compreensão, este trabalho está estruturado com base em um alerta, em uma explicação e, por fim, em uma exortação do papa alemão por meio de uma pesquisa bibliográfica na obra ratzingeriana/benedictina.

2 Um alerta: o que é relativismo e quais as suas consequências para a sociedade

Cada época da história desperta suas controvérsias e, por que não dizer, batalhas — sejam elas no sentido literal ou intelectualmente falando. Nessas ocasiões, surgem também vozes dissonantes que têm um papel decisivo no contexto histórico, seja pela ousadia de apresentar os problemas existentes, seja pela coragem de apontar os erros que podem minar os fundamentos da sociedade.

Tendo em vista o contexto do século XX com duas grandes guerras, além dos regimes totalitários com suas ideologias nefastas e ao mesmo tempo com uma herança das ideias do Iluminismo que tem o racionalismo como um princípio básico, Joseph Ratzinger, em uma entrevista ao jornalista italiano Vittorio Messori, diz que a separação (ou exclusão) da religião, de Deus enquanto princípio e fundamento da sociedade faz com que “a humanidade torne-se vítima das consequências mais arbitrarias.” (MESSORI; RATZINGER, 1985, p. 65). Na Carta Encíclica *Lumen Fidei*, escrita por quatro mãos, o Papa Francisco (e Bento XVI) faz uma interessante reflexão: “Quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, diferenciar a estrada que conduz à meta daquela que nos faz girar repetidamente em círculo, sem direção.” (FRANCISCO, 2015, 3, n.p.).

Para entender o conceito de relativismo no pensamento do teólogo alemão, é necessário compreender o que é secularização. Segundo Assunção (2018), em sua excelente tese que analisa a visão do Papa Teólogo sobre o mundo de hoje, a secularização, no sentido de secularidade, está associada à ideia de autonomia da esfera política em relação à esfera religiosa; entendida como secularismo, muito semelhante ou mesmo equivalente da ideia de laicismo, secularização implica a exclusão da figura de Deus como estruturador da vida social.

Na concepção de Joseph Ratzinger/Bento XV I, a secularização é uma marca distintiva do período pós-moderno, o que o faz criticar com certa frequência essa característica da pós-modernidade. Com essa exclusão de Deus da esfera pública, o homem tende a substituí-lo por algo, por alguma coisa que o dê segurança ou pelo menos permita assentar suas convicções, visto que o homem, por natureza, procura a verdade (JOÃO PAULO II, 1998); no entanto, as consequências dessa exclusão são desoladoras, pois “se não há Deus, não há verdade.” (ASSUNÇÃO, 2018, p. 185).

Uma observação importante a respeito da secularização acontece ao caracterizá-la como fruto da absolutização da positividade, tal como Comte a profetizou, impossibilitando não apenas a interrogação sobre Deus, mas, também, a interrogação sobre o homem e toda a realidade. Um dos exemplos por ele citados é a ausência de lugar para a fé na filosofia como um sinal da crise geral da consciência em que vivemos (RATZINGER, 2008). Nesta perspectiva, a falta de fé ou a dificuldade de crer como uma das características atuais faz com que a visão da Igreja, da fé ou do crente, seja vista como retrógrada ou até supersticiosa, surgindo uma dicotomia entre a ideia da tradição e a ideia do progresso.

Ao responder a uma pergunta de Peter Seewald, Ratzinger alerta sobre o perigo de uma nova concepção moderna do mundo em que o cristianismo, ou a fé católica, é considerado

inimigo, antiquado, intolerante e inconciliável com a modernidade, além da pressão para que a Igreja se adapte aos padrões atuais (RATZINGER, 2005).

Em razão deste perigo, e a despeito do relativismo no mundo moderno, deve-se considerar o surgimento de inúmeros preconceitos ou estereótipos com relação à religião, como se ela não pudesse mais opinar sobre o homem ou tivesse que renunciar às suas convicções: “Levantar a exigência da verdade em favor dos enunciados concretos da fé de uma religião parece, hoje, não apenas arrogância, mas também sinal de falta de ilustração, de um iluminismo deficiente.” (RATZINGER, 2007, p. 69-70). Em uma entrevista, ao mesmo jornalista, Ratzinger comenta sobre uma sutil ditadura anticristã da opinião que mais tarde veio chamar de uma espécie de martírio da ridicularização:

Esse é, creio, um perigo real. Não que os cristãos sejam abertamente perseguidos [...]. Mas há questões decisivas que são excluídas e, posteriormente, tachadas de fundamentalistas, inclusive quando se trata de defender a verdadeira fé. Creio que isso pode desembocar numa situação a que devemos opor resistência, a saber, numa ditadura de aparente tolerância que freia o estímulo da fé e a rotula como intolerante. Aqui se evidencia realmente a intolerância dos ‘tolerantes’” (RATZINGER, 2020, p. 503-504).

Bento XVI elucida que realmente existe um novo tipo de intolerância, principalmente quando “em nome da não discriminação, quer-se constranger a Igreja Católica a mudar a própria posição no que tange à homossexualidade ou à ordenação sacerdotal das mulheres, para citar apenas alguns exemplos.” (BENTO XVI, 2011). Isto posto, o pensamento majoritário do mundo moderno parte da premissa de que a metafísica já não deve influenciar mais as discussões numa sociedade. Esse assunto é sinal de alerta para o Papa Bento ao entender que “o verdadeiro problema diante do qual nos encontramos é a cegueira da razão para toda a dimensão não material da realidade.” (RATZINGER, 2019a, p. 118). No campo político, por exemplo, “onde o mistério já não conta, a política se converte em religião” (RATZINGER, 2007, p. 119). Esse entendimento sobre o fim da metafísica está intrinsecamente ligado ao discurso relativista, principalmente quando observadas as circunstâncias difusas da atualidade. Na concepção de Zilles (2019, p. 121), “a ampla e rápida propagação do relativismo histórico pode, sem dúvida, fortalecer o discurso sobre o fim da metafísica, pois esta tradicionalmente afirma que, em vista da razão (logos) comum a todos os homens, são possíveis intuições com validade universal”.

Ao comentar sobre relativismo, Zilles (2019) apresenta a diferença entre o relativismo histórico e o relativismo cognitivo; todavia, ambos negam verdades universais. Por um instante, o relativismo pode parecer positivo e interessante aos moldes do mundo moderno, visto que

convida os indivíduos à tolerância, ao respeito ao diferente, a reconhecer o valor dos outros, a facilitar a convivência entre as culturas; entretanto, o grande perigo é se transformar num absoluto, convertendo-se em uma contradição que destrói o agir humano e mutila a razão (RATZINGER apud BLANCO, 2005, p. 222).

Ratzinger (2019a) expõe duas posições básicas contrapostas entre si quando se refere ao relativismo, sendo a posição relativista radical, que deseja separar totalmente o conceito do bem (e, com isso, também o da verdade) da política, por considerá-los prejudiciais à liberdade. Aqui, o direito natural é rechaçado por suspeita de ser um conceito metafísico, prevalecendo então as decisões baseadas na maioria, isto é, a “verdade” que se dá por conveniência. Por sua vez, a outra posição apresentada por Ratzinger fala da verdade que precede e ilumina qualquer decisão política da maioria, visto que “não é a prática que cria a verdade, mas a verdade que possibilita a prática justa. A política é justa e promove a liberdade quando serve um sistema de valores e direitos que nos é mostrado pela razão.” (RATZINGER, 2019a, p. 109).

Alguns exemplos podem ser citados com base na primeira posição exposta por Ratzinger (2019a), quando a questão do relativismo adentra na política ao ponto de corromper o verdadeiro papel do Estado, que é o equilíbrio entre a liberdade, a justiça e o bem comum. É essencial frisar que prescindir da verdade é sempre perigoso, especialmente quando no campo político, o relativismo se apresenta de forma a ser implementado sem limites, ocasionando injustiças que nunca poderão ser justas, como no caso do aborto, da eutanásia, da eugenia ou de negar a determinados indivíduos, ou grupos, a dignidade humana e as condições de vida condizentes com ela. Ao mesmo tempo, sempre haverá ações justas que nunca poderão ser tidas como injustas (RATZINGER, 2007, p. 111). Neste quesito, Assunção (2018, p. 275) faz uma interessante observação: “A principal recusa de Ratzinger à tese do relativismo radical é, sem dúvida, por conta do princípio do domínio da maioria (...) Ou seja, a reserva ratzingeriana em relação ao princípio da maioria é que ‘as maiorias podem ser cegas ou injustas’”.

O Papa alerta, também, para um relativismo que pode estar presente na religião e ser uma das causas de certas patologias, como o fundamentalismo religioso e o terrorismo. Este mesmo problema acontece na ciência, que já não enxerga outros ditames a serem observados a não ser aqueles defendidos pela classe científica; isto é, há um fundamentalismo ateu e um fundamentalismo religioso, para utilizar as expressões de Paine (2010).

Nesse ínterim, o homem — na tentativa de viver a liberdade — acaba desistindo da verdade em si quando se torna prisioneiro dos seus próprios métodos de observação tão característicos da ciência moderna. No fundo, o homem já não consegue mais enxergar além, mas limita-se ao aquém, alimentando seu pragmatismo e egoísmo, características tão marcantes

atualmente. Para Ratzinger (2008, p. 24), “o homem move-se ainda e tão-só na sua própria concha”.

No entanto, é justamente aí que se encontra um problema antropológico, que se apresenta paradoxalmente quando o homem tenta obstruir a verdade, pois há no homem um apelo à fé, que o nosso tempo presente não anula, mas o torna mais dramático, ao passo que o homem cai no cárcere da absolutização da razão (RATZINGER, 2008). Na realidade, “há hoje uma hipertrofia do homem exterior e um grave enfraquecimento da sua força interior.” (RATZINGER, 2007, p. 147). Sobre essa questão, Zilles (2020, p. 115) apresenta um detalhe: “a recusa à fé não procede, pois, do ateísmo da razão, e sim do ateísmo da vontade. A vontade emancipada de Deus é poderosa, mas cega para a verdade”. Ademais, Ratzinger entende ser um dever da humanidade a luta contra a ditadura do acaso e do relativismo e nunca questão de fundamentalismo religioso, pois “quando a pessoa humana é excluída da verdade, então é só o acidental e o arbitrário que podem dominá-la.” (RATZINGER, 2007, p. 173-174).

O alerta de Bento XVI é incisivo quando aponta a efemeridade da vida como uma das pautas da modernidade que podem modificar de acordo com os interesses de determinados grupos em um contexto específico. Para ele, essa opção pelo relativismo produziu uma espécie de aniquilação do sentido moral da sociedade que necessariamente se apresentará num niilismo que atua conforme o pensamento vigente considerado o mais excitante naquela ocasião (RATZINGER, 2019a). Por isso, ele diz categoricamente: “Privar-se das grandes forças morais e religiosas da própria história é o suicídio de uma cultura e de uma nação.” (RATZINGER, 2019a, p. 85), pois é preciso reiterar que “o erro, a consciência errônea, é cômodo apenas num primeiro momento. Em seguida, porém, o emudecimento da consciência acarretará a desumanização do mundo e o perigo fatal se não for combatida.” (RATZINGER, 2019a, p. 92).

Ao denunciar os perigos e as consequências do relativismo, ele insiste em afirmar que a ideia de liberdade apresentada pelo mundo moderno é, na realidade, uma escravidão: “A liberdade anárquica, no seu sentido radical, não redime o homem, mas faz dele uma criatura malograda, um ser sem sentido” (RATZINGER, 2007, p. 221). Com efeito, “a identificação da consciência com o conhecimento superficial e a redução do homem à sua subjetividade não liberta, mas escraviza; ela nos torna apenas totalmente dependentes das opiniões dominantes e rebaixa o nível dessas mesmas opiniões dominantes” (RATZINGER, 2019a, p. 93).

Essa ideia equivocada sobre o homem subjaz a visão utilitarista deste que adentra em questões relevantes para a sociedade, como os princípios éticos que devem ser respeitados. Em contrapartida, no contexto do relativismo, o bem é substituído pelo melhor ou por aquilo que é útil numa dada circunstância. Segundo Ratzinger apud Blanco, (2005, p. 222), “prescindir da

questão da verdade também liquida a norma ética. Se não sabemos o que é verdade, também não podemos saber o que é bom e muito menos o que é o bem em sentido absoluto”.

A discussão em torno do relativismo está vinculada a busca pela verdade, tema tão querido pelo teólogo alemão e assunto recorrente em seus discursos, homilias, entrevistas e escritos, sendo a Carta Encíclica *Caritas in Veritate* um dos pontos culminantes nesse apostolado. Defender a verdade não se tornou apenas um dever moral e cristão, mas uma atitude necessária e urgente diante da situação atual. Um de seus biógrafos apresenta sucintamente as motivações desse defensor e arauto da verdade que compreende ser não apenas a falta de fé, mas especialmente a ausência da razão, um dos problemas mais dramáticos do mundo. (BLANCO, 2016).

Após a conclusão dessa primeira parte do artigo fundamentado num alerta feito por Bento XVI no que diz respeito ao conceito de relativismo e suas consequências para a sociedade atual, sucede-se uma explicação o que ficou conhecido como ditadura do relativismo.

3 Uma explicação: entendendo a ditadura do relativismo no pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI

Apesar desse assunto já ser pauta no pensamento ratzingeriano, foi em sua homilia na Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontifice*, no dia 18 de abril de 2005, um dia antes de se tornar o 265º papa, que o termo ditadura do relativismo se tornou mais conhecido. Na ocasião, o cardeal decano comentava sobre a necessidade do caminho a ser feito pelos cristãos rumo a maturidade em Cristo, mesmo diante dos inúmeros ventos doutrinários que se apresentam desde o tempo dos apóstolos, entre os quais as ideologias como o marxismo, o liberalismo, o coletivismo radical, o ateísmo, o misticismo religioso vago, o agnosticismo e o sincretismo. O destaque na sua explicação diz respeito à dificuldade que os cristãos têm de viver e expressar sua fé num mundo relativista:

Cada dia surgem novas seitas e realiza-se quanto diz São Paulo acerca do engano dos homens, da astúcia que tende a levar ao erro (cf. Ef 4, 14). Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar "aqui e além por qualquer vento de doutrina", aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades (BENTO XVI, 2005, n.p.).

Nessa ditadura do relativismo, a verdade é solapada conforme o pensamento majoritário ou até mesmo por aqueles que detém o poder, mesmo que seja um grupo minoritário. Entretanto, o teólogo alemão sempre rejeitou esses modismos ao apresentar a necessidade que o homem e

a sociedade como um todo possuem de conviver com a verdade. Nesse contexto, é comum comentários seus a respeito da Carta Encíclica *Fides et Ratio* de João Paulo II: “Se tivesse de caracterizar brevemente a intenção da encíclica, diria: ela quis reabilitar a questão da verdade em um mundo caracterizado pelo relativismo.” (RATZINGER, 2007, p. 168).

Em um de seus diálogos sobre a fé e razão, mais precisamente no dia 19 de janeiro de 2004 com o filósofo Jürgen Habermas na Academia Católica da Baviera em Munique, o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé enfatizou: “eu falaria da necessidade de uma correlacionalidade entre razão e fé, entre razão e religião. Ambas são chamadas a se purificarem e curarem mutuamente, e é necessário que reconheçam o fato de que uma precisa da outra.” (HABERMAS; RATZINGER, 2007, p. 89).

Essa “aventura da verdade” se caracteriza por um emaranhado de circunstâncias atuais, notadamente marcadas pelo racionalismo exacerbado e pelo mundo da tecnociência, em que os indivíduos discutem, discordam, pelem por interesses próprios sem necessariamente observar os princípios e fundamentos que norteiam a sociedade que deveriam estar pautados exclusivamente na verdade. Assim, Ratzinger (2007) considera um equívoco considerar que a fé cristã deva renunciar às suas convicções: “Cada vez mais se amplia a convicção de que a renúncia da fé cristã à sua pretensão à verdade é a condição básica para uma nova paz do mundo e para a reconciliação do cristianismo com a modernidade.” (RATZINGER, 2007, p. 191).

Essa reconciliação ou nova paz não se coaduna com o sentido ontológico da Igreja, da fé cristã, pois enquanto guardiã da verdade, esta não pode nem deve, por questões de conveniência, negociar seu principal tesouro. Aqui, questões como verdade e liberdade se entrecruzam, pois, há um entendimento hodierno que a liberdade não possui vínculos com a verdade, situação sempre combatida pelo teólogo bávaro: “Verdades parciais orientam-se para uma mentira, e então o todo fracassa: a mentira da liberdade elimina também os elementos verdadeiros. Liberdade sem verdade não é liberdade.” (RATZINGER, 2007, p. 218).

Na ditadura do relativismo nada é reconhecido como definitivo; isto é, surge uma total ausência da verdade como condição essencial para uma liberdade radical. Dito isto, Ratzinger explica que essa ausência (da verdade) e a ingênua presença (da liberdade) faz surgir diversos problemas, entre eles de ordem moral e metafísico, desaguando no niilismo:

Essa total ausência de verdade, essa total ausência de qualquer vínculo, também moral e metafísico, essa liberdade absoluta e anárquica como determinação do ser do homem se revela, àquele que procura vivê-la, não como a maior elevação da existência, mas como a nulidade da vida, como o vazio absoluto (RATZINGER, 2007, p. 220).

Ao excluir a verdade, o homem perde totalmente seu ponto de apoio e tem como consequência sua própria ruína. O teólogo explica que o problema, aparentemente externo, envolve também aspectos internos do indivíduo, pois sua capacidade de entendimento se torna cada vez mais difusa e volátil de acordo com os “ventos da modernidade”, chegando a atingir sua própria consciência.

Além dos problemas acima descritos, Ratzinger (2007) demonstra com clareza que a busca por tal liberdade tem sua raiz naquele antigo desejo do homem de ser como Deus. A questão principal é que, aparentemente, o homem persegue uma liberdade genuína ou o progresso, mas, na verdade, ele está colaborando com sua ruína. Por isso, é evidente para o papa que a liberdade genuína não tem muito espaço em um contexto da ditadura do relativismo, que acaba alimentando a liberalidade e até mesmo a libertinagem, conceitos tão diferentes da liberdade em si, pois “a liberdade conserva sua dignidade apenas quando permanece ligada ao seu fundamento moral e à sua incumbência moral.” (RATZINGER, 2019a, p. 81).

Ao explicar essa relação entre liberdade e verdade, tão importante nesse contexto, o cardeal apresenta três pontos que sintetizam seu pensamento: a) a liberdade precisa orientar-se para a verdade; b) no contexto da história, nunca haverá um estado ideal absoluto, ou seja, uma ordenação definitiva da liberdade, mas apenas o alcance de ordenamentos relativamente certos e justos; e c) a sociedade precisa excluir o sonho da autonomia absoluta da razão e de sua autossuficiência, pois a razão deve apoiar-se nas grandes tradições religiosas da humanidade, o que não exclui uma atitude crítica diante dessas diversas tradições (RATZINGER, 2007).

Aos que deturpam o conceito de liberdade ao ponto de entenderem que a liberdade individual e os ditos “direitos individuais” egocêntricos se sobrepõem a qualquer circunstância, Ratzinger (2019a) adverte e, ao mesmo tempo, reforça, a necessidade de um caráter comunitário. A ideia de que a liberdade individual deve ter a primazia sobre a liberdade coletiva é uma das falácias da ditadura do relativismo: “a liberdade individual sem conteúdo, que surge então como o objetivo supremo, anula a si mesma e só pode subsistir num ordenamento das liberdades. Ela precisa de um critério, do contrário torna-se uma violência contra os outros.” (RATZINGER, 2019a, p. 107).

Uma de suas principais preocupações se apresenta no perigo do princípio da maioria, sustentado por regimes democráticos, pois a maioria não necessariamente está correta em suas decisões, especialmente quando estas não correspondem aos princípios morais e fundamentos do homem. Não sem razão, ele defende que essa questão precisa ser enfrentada para preservar a liberdade genuína e os direitos humanos. A história está cheia de exemplos em que houve uma multiplicação de direitos que, na verdade, conduziram à destruição da ideia de direito ao

ponto de negar o próprio homem em uma concepção niilista, como no caso do aborto, do suicídio, do homem como objeto (RATZINGER, 2019a). Em outra oportunidade, Bento XVI (2011, p. 72) afirma: “a história demonstrou suficientemente quanto as maiorias podem ser destrutivas, por exemplo, como os regimes do nazismo e do marxismo, um e outro marcadamente contra a verdade.” (BENTO XVI, 2011, p. 72). Para enfrentar tais situações, “a Igreja não pode dar ordens ao mundo, mas pode ter respostas à disposição, quando não se sabe o que fazer.” (RATZINGER, 2005, p. 214).

Contudo, o papel da Igreja é, em diversas ocasiões, subjugado pela ditadura do relativismo quando cria estereótipos e falseiam o discurso eclesial, como se este fosse contra a liberdade humana. Convém ressaltar, entretanto, que geralmente os valores são invertidos e a própria linguagem é utilizada para confundir a sociedade, criando, inclusive, termos pejorativos — conservador, reacionário, fundamentalista, progressista, revolucionário — para aqueles que defendem determinados pontos politicamente incorretos, importando a visão unilateral e utilitarista nas decisões. “Aqui chegamos no verdadeiro foco: onde os conteúdos não contam mais, o puro pragmatismo assume o controle e a capacidade de fazer se torna o critério supremo.” (RATZINGER, 2019a, p. 98).

Um fator complicador ocorre naquilo que parece ser a verdade e, ao mesmo tempo, se torna obrigatório para todos; ou melhor, a confusão generalizada se difunde em todos os campos da sociedade, surgindo a imposição de ideias que foram decididas pela maioria, muitas dessas sem nenhum respaldo nos princípios morais. Para Ratzinger (2019a), o conceito moderno de democracia parece estar indissolúvelmente ligado ao do relativismo, sendo este um dos pontos basilares da democracia, “que se baseia no princípio de que ninguém deve pretender conhecer o caminho certo. (...) Uma sociedade livre tem de ser relativista; só com esse pressuposto poderá permanecer livre e aberta para o futuro.” (RATZINGER, 2007, p. 111); contudo, o cardeal expõe uma observação delicada em que as aparências podem enganar, pois, o relativismo parece ser recomendável enquanto um sinal de encontro entre culturas, desde que a cultura a ser defendida não seja a cristã: “Quem quiser permanecer na fé na Bíblia e da Igreja, sente-se banido para uma ‘terra de ninguém’ cultural; e precisa, para poder orientar-se, voltar à ‘loucura de Deus’ (1 Cor 1,18) para reconhecer nela a verdadeira sabedoria.” (RATZINGER, 2007, p. 115).

Neste cenário, a verdadeira democracia não acontece concretamente em um mundo relativista, visto que “(...) a democracia vive com base em que existem verdades e valores sagrados que são respeitados por todos. Caso contrário, afunda-se na anarquia e neutraliza-se a si mesma.” (RATZINGER apud BLANCO, 2005, p. 223). Considerando que em um sistema

democrático a existência do Estado seja uma condição importante, o papa defende que existem “elementos fundamentais prévios à existência do Estado, que não estão sujeitos ao jogo da maioria e da minoria, e que devem ser invioláveis para todos.” (RATZINGER apud BLANCO, 2005, p. 223), enfatizando sempre que o critério da maioria nunca será suficiente para definir determinado valor moral. Lembrando que “de um ponto de vista puramente histórico, não há democracia sem um fundamento religioso, ‘sagrado’.” (RATZINGER, 2005, p. 180). Ademais, dados quantitativos não podem ser critérios para um julgamento moral, especialmente em um contexto em que há uma sobrevalorização da opinião pública que se constitui no critério unilateral para a tomada de decisões: “É bastante grave quando o panorama da opinião pública se torna o critério para a tomada de decisões políticas, quando furtivamente se faz a pergunta: ‘Como aumentar meu consenso?’, em vez de perguntar-se: ‘O que é justo fazer?’” (BENTO XVI, 2011, p. 178).

Entretanto, como preservar os princípios morais em um mundo em que o subjetivismo é base para o relativismo? A resposta a tal questionamento não é fácil, nem depende exclusivamente da Igreja, por exemplo. O fato é que a realidade apresenta problemas críticos que envolvem toda a sociedade, desde o contexto político até situações específicas relacionadas à cultura dos povos: “os limites do subjetivismo estão à vista: aceitar incondicionalmente o relativismo, tanto no âmbito da religião como no que diz respeito às questões morais, conduz à destruição da sociedade.” (RATZINGER apud BLANCO, 2005, pp. 227-228); assim, o relativismo total tem como consequência a anarquia ou o totalitarismo.

Ao analisar o cristianismo e as grandes religiões do mundo, na perspectiva de observar questões relacionadas à fé, verdade e tolerância, Ratzinger explica e ratifica o que foi dito anteriormente; isto é, que o problema do relativismo ocorre, principalmente, quando esta forma de entender o mundo passa a se caracterizar como uma ditadura ou a imposição de ideias que infringem radicalmente a verdade e, ao mesmo tempo, cria estereótipos para qualquer tipo de pensamento que não seja politicamente correto, como no caso dos pressupostos cristãos. Neste caso, o papel do cristianismo deixa de ser a transmissão *sui generis* de um bem destinado a todos, que é a transmissão da verdade na caridade, para se tornar um pensamento arrogante de uma cultura que se entende superior a outras culturas religiosas (RATZINGER, 2007).

Isso demonstra que os problemas do mundo relativista e racionalista desembocam em uma certa perseguição ao pensamento metafísico e na subvalorização das verdades universais, permitindo o surgimento de um indiferentismo religioso generalizado, pois o mundo hodierno “é um mundo que se desvinculou dos conhecimentos fundamentais que sustentam a

humanidade, um mundo que, desse modo, joga os homens num vazio de sentido, com o risco de consequências fatais se não houver uma resposta a tempo.” (RATZINGER, 2007, p. 75-76).

Destarte, sem hesitar, Ratzinger (2007, p. 111) afirma que “o relativismo se tornou hoje, de fato, o problema principal para a fé”; todavia, para pelejar nesse ambiente confuso e relativista, “a verdade não pode nem deve ter nenhuma outra arma que não ela mesma.” (RATZINGER apud BLANCO, 2005, p. 229). Nesse entendimento, o papa teólogo faz uma exorta, como veremos adiante.

4 Uma exortação: a esperança tarda, mas não falha.

Conforme o que foi dito até então, percebem-se as duras críticas feitas pelo papa teólogo ao relativismo no mundo atual. Apesar disso, ele nos exorta a não cair em um otimismo ideológico ou em uma falsa esperança, pois estas são frutos da ditadura do relativismo e da permissividade mundana. Ele chama esse otimismo ideológico de máscara do desespero, utilizada por tantos na ditadura do falso, do aparente, do efêmero, do relativismo. Nesse ambiente, os homens são escravos da aparência e, para sua libertação, precisam tirar as máscaras do otimismo ideológico ou do pessimismo e ter um encontro com a verdade que é Cristo. Em linhas gerais, “só se pode compreender e reviver a verdadeira essência da esperança cristã quando se consegue desmascarar todas as imitações deformadoras que procuram a todo momento diferenciar-se dela.” (RATZINGER, 2019b, p. 54). No entanto, como é possível, após toda essa análise realista, manter-se esperançoso? Para Bento XVI, a resposta está nas virtudes teologais: fé, esperança e caridade.

O princípio da esperança, por exemplo, é algo real e deve passar pela pessoa divina de Jesus Cristo, em que todas as dimensões se unem. Com efeito, a esperança permite orientar a vida do homem em prol do reino de Deus. Aqui, a escatologia supera qualquer utopia prevista pelo relativismo, como aquela desenvolvida pela época moderna com o objetivo da instauração de um mundo perfeito (BENTO XVI, 2007). Há, assim, um fim, uma meta a alcançar e pode-se afirmar que ela é profundamente real (BLANCO, 2016).

Bento XVI tem convicção que a autêntica crise mal começou e grandes abalos estão por vir; todavia, sua esperança tem como aliada a confiança em Deus, mesmo que a Igreja não seja uma força dominante da sociedade como foi no passado. Ela continuará exalando aos homens de boa vontade o agradável odor de Cristo e tornar-se-á a pátria daqueles que Nele confiam (RATZINGER, 2008). Por isso, é necessário olhar para além do Estado, das instituições

puramente humanas, das lutas pelo poder. Mesmo diante das intempéries do tempo presente, Ratzinger exorta a termos esperança:

A esperança do céu não se coloca contra a confiança na terra, ela é esperança também para a terra. Esperando pela grandeza maior e definitiva, devemos e temos, enquanto cristãos, de levar a esperança também àquilo que é provisório, aos nossos Estados no mundo (RATZINGER/BENTO XVI, 2019, p. 122).

Não obstante, a esperança é cultivada pelo encontro com Aquele que se deixa encontrar, ou melhor, que nos encontra. Ao encontrá-Lo, a razão é iluminada, pois “a razão necessita da fé para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão.” (BENTO XVI, 2007, 23, n.p.). De forma análoga, Chesterton (2013, p. 39), ao analisar o que há de errado com o mundo, postulava que: “a religião cristã revelou especialmente a sanidade fundamental de nossas almas ao sustentar esta ideia da verdade encarnada e humana. (...) A doutrina, pois, não causa dissensões. Na verdade, só uma doutrina é capaz de curá-las”.

Parafraseando Ariano Suassuna, pode-se afirmar que Bento XVI é um realista esperançoso; seu esforço intelectual e missionário comprovam tal afirmação, ao mesmo tempo que deixou um legado importante para compreender o mundo de hoje sem cair no desespero:

Precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir (BENTO XVI, 2007, 31, n.p.)

Sua coragem em dialogar com os pensamentos dissonantes em relação à sua fé é apenas um dos exemplos de sua ousadia, que não pressupunha renunciar às suas convicções para agradar o outro, muito pelo contrário, mas se colocar como um guardião da verdade ou um “simples e humilde trabalhador na vinha do Senhor.” (BENTO XVI, 2005, p.1). A esse respeito, as seguintes palavras de Chesterton poderiam ser atribuídas ao papa alemão: “Estou perfeitamente preparado para respeitar a fé de outro homem. Mas é demais pedir que eu respeite sua dúvida, suas hesitações e ficções mundanas, suas barganhas e fantasias políticas.” (CHESTERTON, 2013, p. 35).

Diante de sua intelectualidade límpida, o teólogo alemão exorta todos a mergulhar na verdade que é Cristo, mesmo que esta não seja compreensível em um primeiro momento. Importa dizer que o homem vive o permanente anseio do infinito e certamente só encontrará as respostas suficientes em Deus, pois “apenas o Deus que se fez a si mesmo finito, para romper

a nossa finitude e nos conduzir à imensidade da sua infinitude, responde ao questionamento do nosso ser. Por isso, hoje, a fé cristã recuperará o homem.” (RATZINGER, 2007, p. 128). Em suma, “um mundo sem Deus é um mundo sem esperança.” (BENTO XVI, 2007, 44, n.p.).

5 Considerações finais

Um ponto que precisa ser destacado após toda discussão sobre a ditadura do relativismo e que é uma marca do pontificado e, ao mesmo tempo, do pensamento ratzingeriano/benedictino está posto no início da Carta Encíclica *Caritas in Veritate*: “defender a verdade, propô-la com humildade e convicção e testemunhá-la na vida são formas exigentes e imprescindíveis de caridade.” (BENTO XVI, 2009, 1, n.p.). O papa evidencia que anunciar a verdade é uma forma de amar. Neste sentido, “se o poder moral representado pela fé cristã fosse arrancado de repente à humanidade, ela vacilaria como um navio que tivesse batido num *iceberg*, e então a sua sobrevivência estaria em grande perigo.” (RATZINGER, 2005, p. 181).

Diante do exposto, entende-se sua insistência em defender e propagar a verdade com todas as suas forças e denunciar insistentemente as ameaças por ela sofrida. Suas exposições claras e muitas vezes rejeitadas pelo mundo moderno só confirmam os pressupostos por ele defendidos em toda sua vida: “a verdadeira ameaça diante da qual nos encontramos é a de que a tolerância seja abolida em nome da própria tolerância (...) Ninguém é obrigado a viver segundo a ‘nova religião’ como se fosse a única e verdadeira, vinculante para toda a humanidade.” (BENTO XVI, 2011, p. 74).

Embora a verdade e os valores tenham sido completamente relativizados, primeiramente pelas ideologias racionalistas até culminar na ditadura do relativismo, Bento XVI ensina categoricamente que “a verdade continua a existir, sobretudo porque a Verdade em pessoa – o Logos, a Palavra, dizem os teólogos – encarnou-se pelo amor. Nem tudo vale o mesmo: somente Jesus Cristo é a Palavra eterna, o Filho de Deus feito homem.” (SARTO, 2019, p. 498). Em razão dessa convicção, o papa teólogo tem condições suficientes para alertar sobre os perigos com base em uma explicação minuciosa das causas e efeitos da ditadura do relativismo e, finalmente, exortar todos aqueles que tem sede da verdade e se dispõem a entender as inúmeras nuances que envolvem a humanidade.

Referências

ASSUNÇÃO, Rudy Albino. **Bento XVI, a Igreja Católica e o “Espírito da Modernidade”**: Uma análise da visão do Papa Teólogo sobre o “mundo de hoje”. São Paulo: Paulus, 2018.

BENTO XVI. **Homilia na Santa Missa “Pro Eligendo Romano Pontifice”**. 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em: 20 maio 2021.

BENTO XVI. **Benção Apostólica “Urbi et Orbi” Primeira saudação de Sua Santidade Bento XVI**. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20050419_first-speech.html. Acesso em: 16 junho 2021.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Spe Salvi aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a esperança cristã**. 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 20 maio 2021.

BENTO XVI. **Carta Encíclica Caritas in Veritate aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas, aos fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade**. 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 20 maio 2021.

BLANCO, Pablo. **Joseph Ratzinger: uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005.

BLANCO, Pablo. **Bento XVI: um mapa de suas ideias**. São Paulo: Molokai, 2016.

CHESTERTON, G. K. **O que há de errado com o mundo**. Campinas: Ecclesiae, 2013.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Lumen Fidei aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé**. 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 20 maio 2021.

HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da secularização: sobre razão e religião**. Aparecida: Idéias & Letras, 2007.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão**. 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 20 maio 2021.

MESSORI, Vittorio; RATZINGER, Joseph. **A Fé em Crise?: O Cardeal Ratzinger se interroga**. Trad.: Pe. Fernando José Guimarães. São Paulo: E.P.U., 1985.

PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 9-26, jul./set. 2010.

RATZINGER, J. **O sal da terra**. O cristianismo e a igreja católica no século XXI: um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico**. São Paulo: Loyola, 2005.

RATZINGER, Joseph. **Fé, verdade, tolerância** – O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007.

RATZINGER, Joseph. **Fé e futuro**. São João do Estoril: Princípia, 2008.

RATZINGER, Joseph. **Liberar a liberdade**. São Paulo: Paulus, 2019.

RATZINGER, Joseph. **Olhar para Cristo**: exercício de fé, esperança e caridade. São Paulo: Quadrante, 2019.

RATZINGER, Joseph. **Deus e o mundo**. Fé e vida em nosso tempo – Uma conversa com Peter Seewald. São Paulo: Molokai, 2020.

ZILLES, Urbano. **Discurso sobre o fim da metafísica**. São Paulo: Paulus, 2019.

ZILLES, Urbano. **Fé e razão no mundo da tecnociência**. São Paulo: Paulus, 2020.